

**SÔNIA APARECIDA DOS SANTOS**



**O TRABALHO DO ARTE-EDUCADOR NA ESCOLA ESTADUAL  
BOA VISTA - DESAFIOS E PERSPECTIVAS.**

Especialização em Ensino de Artes visuais

Belo Horizonte  
Escola de Belas Artes  
da UFMG  
2013

**SÔNIA APARECIDA DOS SANTOS**



**O TRABALHO DO ARTE-EDUCADOR NA ESCOLA ESTADUAL  
BOA VISTA - DESAFIOS E PERSPECTIVAS.**

**Especialização em Ensino de Artes visuais**

Belo Horizonte

Escola de Belas Artes da UFMG

2013

**SÔNIA APARECIDA DOS SANTOS**

**O TRABALHO DO ARTE-EDUCADOR NA ESCOLA ESTADUAL  
BOA VISTA - DESAFIOS E PERSPECTIVAS.**

**Especialização em Ensino de Artes visuais**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes visuais.

Orientador: Maurílio Andrade Rocha

Belo Horizonte  
Escola de Belas Artes da UFMG  
2013

Santos, Sônia Aparecida dos, 1969 -  
O TRABALHO DO ARTE-EDUCADOR NA ESCOLA ESTADUAL  
BOA VISTA - DESAFIOS E PERSPECTIVAS: Especialização em  
Ensino de Artes visuais / Sônia Aparecida dos Santos. – 2013.  
51 f.

Orientador: Maurílio Andrade Rocha

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da  
Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como  
requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de  
Artes visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. I. Rocha, Maurílio Andrade. II.  
Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III. O  
TRABALHO DO ARTE-EDUCADOR NA ESCOLA ESTADUAL  
BOA VISTA - DESAFIOS E PERSPECTIVAS.

CDD: 707



**Universidade Federal de Minas Gerais**

**Escola de Belas Artes**

**Programa de Pós-Graduação em Artes**

**Curso de Especialização em Ensino de Artes visuais**

Monografia intitulada *O trabalho do arte-educador na Escola Estadual Boa Vista – Desafios e Perspectivas*, de autoria de Sônia Aparecida dos Santos, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

---

Prof. Dr. Maurílio Andrade Rocha - Orientador

---

Prof. Lincoln Volpini Spolaor

---

Prof. Dr. Evandro José Lemos da Cunha  
Coordenador do CEEAV  
PPGA – EBA – UFMG

Belo Horizonte, 2013

## **RESUMO**

Este trabalho aborda o ensino de Arte na Escola Estadual Boa Vista, em Contagem/MG, no que tange a legislação de ensino, a qualificação dos professores atuantes na área, as discussões pertinentes às condições de trabalhos nos espaços ofertados pela instituição escolar, aos resultados alcançados, à visão e aos valores cotidianos na docência em Arte-educação.

Palavras Chaves: Ensino de Arte. Especialista. Escola pública.

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	07
Conhecendo o cenário.....	07
<b>Capítulo I</b> .....	10
Arte em cena – bastidores.....	10
Problematizando o ensino de Arte.....	12
Alguns Fatos.....	14
<b>Capítulo II</b> .....	15
Nossa realidade.....	15
Entre Dilemas e Conflitos.....	17
<b>Capítulo III</b> .....	20
O outro lado – Ferramentas didático-filosófica.....	20
Desafios e as perspectivas para o ensino de arte na EEBV.....	22
<b>Conclusão</b> .....	26
<b>Referências</b> .....	28
<b>Anexos</b> .....	30

## Introdução

### Conhecendo o cenário

No cotidiano do docente em escola pública, comumente, este se defronta com alguns dilemas desencadeados por concepções confusas quanto ao exercício e entendimento do que seja a sua função; situações nem sempre amenas, que exigem deste, o adotar de posturas firmes, respondendo a questões e condutas diversas, estimulando alunos pouco interessados, administrando o grupo respeitando as individualidades. Com o professor de Arte ou com o arte-educador não é diferente.

Vale aqui separar as nomenclaturas, pois como vamos falar do Ensino de Artes visuais em escolas públicas, mister é lembrar que, nestas instituições, não é pré-requisito para o professor de Arte ser licenciado para tal; necessita entretanto, regularizar junto a Secretaria de Educação do Estado, um documento – o Certificado de Avaliação de Títulos - CAT, enquanto cursa ou após conclusão do curso universitário, ainda que, em outra área das ciências humanas. Já o arte-educador é o profissional que possui licenciatura plena em Arte e trabalha estimulando a compreensão da correlação arte e mundo (social, cultural, histórico e político). Ideia esta, também defendida e amplamente divulgada pela arte-educadora, referência para o ensino de Arte nas escolas, Ana Mae<sup>1</sup>, que a denominou de abordagem triangular; a base do tríptico pilar, contextualização histórica aliada a apreciação e fazer artístico, auxiliando ao ensino e aprendizado da Arte.

Por vezes, o profissional ligado a Arte na escola pública, se vê desenvolvendo atividades nada criativas para atender a uma demanda da escola, dissociada do ensino de Arte. Cabe a ele a decisão e a responsabilidade de tomar uma ou outra direção, que dependerá de seus próprios conhecimentos, de seus critérios de trabalho e de sua própria intuição. Segundo ZABALZA (2003), “o ensino move-se num contexto de incertezas onde as decisões dependem de variáveis que o docente deve ser capaz de decodificar”, portanto, o profissional licenciado terá mais consciência e autonomia sobre seu trabalho e saberá se embasar com a

---

<sup>1</sup> Ana Mae Tavares Bastos Barbosa. Primeira educadora brasileira, com [doutorado](#) em Arte-educação, defendido em [1977](#) na [Universidade de Boston](#); referência para o ensino da arte no Brasil e pioneira na sistematização do ensino de Arte em museus.

competência necessária através do CBC<sup>2</sup> - proposta curricular elaborada pelos autores Lucia Gouvêa Pimentel, Evandro José Lemos da Cunha e José Adolfo Moura - delimitador de temas de relevância de estudo conforme o ano escolar, a série em curso, designando competências, habilidades e conhecimentos, de necessária obtenção pelos alunos na educação básica. Propõe ainda as metas a serem alcançadas pelo professor em cada etapa do ensino.

É nesta premissa, além de todo conceito construído através do material do Curso de Especialização em Ensino de Artes visuais, volume 1 da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, 2009, que foi desenvolvido este estudo, investigando, a partir da visão de renomados pesquisadores confrontado com a prática de professores de Arte e arte-educadores, inseridos na rede de ensino público estadual em Contagem, a atuação metodológica e visão pedagógica para resolução de conflitos, suas ferramentas didático-filosófica para direcionamento de práticas pedagógicas, na valorização da Arte visual.

A dinâmica viva da sala de aula ocorre tão logo se inicia a interação entre o aluno e seu professor. Surgem então, os diversos tipos de questionamentos quanto à importância do aprendizado de Artes visuais; igualmente surgem as diversas possibilidades de alternativas, de respostas e ensino a serem adotadas pelo docente. Opções nem sempre viáveis, devido a questões subjetivas, tal como insegurança pessoal, devido a (não)formação do docente, ou por questões administrativas e burocráticas; a exemplo a falta de recursos materiais nas escolas públicas que dificultam a realização do ensino/aprendizagem de Arte visual.

Conservar uma postura autônoma, desenvolver um trabalho eficiente para um grupo que por vezes, o aplaude, o repudia e até mesmo o desacredita, faz parte do universo do professor de arte. ZABALZA (2003) diz ainda que “os processos de identificação e de resolução dos dilemas nem sempre são conscientes para o professor, considerando-se que cada pessoa é diferente, tanto em relação ao tipo de dilema que estabelece quanto à forma como os enfrenta.” A postura adotada pelo docente após a constatação de obstáculos que se interponha entre este e o ministrar da disciplina, é fator preponderante para evoluir o processo de ensino/aprendizagem significativos ou para limitar os alunos a uma aula descontextualizada e monótona.

---

<sup>2</sup> CBC - Conteúdos Básicos Comuns – Proposta curricular do estado de Minas Gerais, desenvolvida em 2005, pela Secretaria de Educação, composta por alguns Conteúdos obrigatórios que devem ser ensinados em todas as escolas da Rede Estadual de Ensino de Minas Gerais.

Para o docente manter um pensamento positivo e motivador para si e para seus alunos, quando estes, já trazem consigo uma bagagem cultural de padrão estético estereotipado - voltado ao imediatismo tecnológico, ao culto midiático que quase sempre entrava sua imaginação, por querê-lo simplesmente como agente passivo - faz da rotina do arte-educador um desafio constante, estimular o interesse e reduzir o distanciamento destes alunos em relação aos campos de aprendizado das Artes visuais. Nesta perspectiva, este estudo analisa a relação do ensino de Artes visuais e seu impacto na visão de gestores, educadores e educandos, discutindo-se a realidade prática - anseios, desafios, perspectivas e realizações - percebendo como estes concebem o ensino/aprendizagem de Arte visual, hoje em uma escola pública da rede estadual no município de Contagem/MG.

No primeiro capítulo apresento um breve relato do meu contato com a arte no decorrer do ensino básico e como as aulas eram ministradas na rede pública; discorro ainda sobre a chegada da arte europeia no Brasil e a importância da disciplina em relação às demais disciplinas da grade curricular desta modalidade de ensino em conformidade com documento oficial da secretaria de educação do Estado.

O segundo capítulo trata do docente foco desta pesquisa; especialista ou não, que trabalha Arte nas escolas públicas, em especial na Escola Estadual Boa Vista, daqui em diante citado como EEBV. Maiores dificuldades relatadas por estes para educar e ensinar Arte visual em um cenário de incertezas materiais e instabilidades sociais; o trato cotidiano da sala de aula, no que tange aos conflitos que permeiam o ensino/aprendizagem de Arte visual, enquanto carregada do reflexo do mundo externo à escola.

Já no terceiro capítulo é traçada uma analogia entre teoria e prática, entre o ensino/aprendizado de Arte e o mundo externo refletido na escola e, a (re)ação desta em prol de envolver os alunos no universo da Arte, analisando a metodologia docente para trabalhar sua concepção de mundo, sem colocar de lado seu papel de educador transformador. Foram analisadas e discutidas as condições de trabalho nos espaços ofertadas pela escola e as possibilidades de aulas interativas e interdisciplinares dialogando com estes espaços.

## Capítulo I

### Arte em cena – bastidores.

Atuo há três anos em escolas da rede pública estadual com supervisão e orientação pedagógica no município de Contagem. A formação em Pedagogia me possibilita, com o aval da Secretaria de Educação do Estado, através do CAT, a lecionar a disciplina de Arte, nas modalidades de ensino básico em escolas públicas ou privadas. Antes da graduação não tive nenhum tipo de contato com a docência em Arte ou qualquer ciência da educação, e, durante a graduação também não houveram maiores aprofundamentos neste campo; apenas tímidas atuações em oficinas e trabalhos voluntários em educação infantil - sem qualquer preocupação técnica, estética ou metodológica, com o uso de material diverso, principalmente o reciclado. Nestas ocasiões, os participantes eram orientados à construção de objeto específico ou à criação aleatória - prática pensada previamente em função do tipo de material disponível.

Como tantos outros estudantes que cursaram o ensino regular entre os anos 70 a 90, percebia a disciplina de Arte, como momento meramente recreativo, posto que no decorrer destas aulas, era solicitada de modo contumaz pelo professor, a confecção de desenhos livres, a cópias de figuras ou mesmo colorir desenhos prontos sem objetivo específico. Outra prática repetitiva era sugerir à classe a criação-cópia de um objeto qualquer, exatamente idêntico ao apresentado em molde de isopor, espuma ou papelão.

O contato dos alunos com obras dos diversos campos da arte, a apreciação que possibilita o acesso às mesmas, através de visitas a museus, galerias ou demais espaços de exposições artísticas, constituía-se um momento raro e especial, onde era mais valorizado o “passeio” (o momento de ausência na instituição de ensino) do que o próprio destino e seus fins, já que não era solicitado aos alunos, nenhum retorno de um possível conhecimento adquirido através daquela experiência. O fazer, o produzir objetos artísticos (pintar, desenhar, modelar, etc.), era uma oferta quase sempre de plágio de algo que já chegava até a classe, pronto, bastando apenas buscar a imitação, ainda que sequer nos fosse explicado razão de tal ato.

Se os momentos de apreciação e produção não eram devidamente trabalhados, a contextualização sobre as diversas correntes estéticas, diferentes artistas, relacionando-os à história teórica da arte, seguia igualmente a mesma lógica. Era exposta à turma uma fotografia de uma obra de arte aleatória, informando o artista que a produziu, sem que se trabalhasse previamente a vertente artística que a inspirou ou mesmo a biografia do artista. Nestes momentos, entre tarefas repisadas e/ou descontextualizadas, a releitura era a metodologia da aula, até porque, a disciplina de Educação Artística, nomenclatura utilizada nos anos 70, 80 e 90, só exigia o caderno próprio para desenho, canetinhas hidrocor, giz de cera e lápis de cores variadas.

A didática do ensino de Arte refletia uma postura extremamente alheia à necessidade de expressão e de construção de conhecimento por parte do aluno; o ensino de arte na instituição de ensino pública mostrava desconhecimento amplo da proposta da educadora e pesquisadora Ana Mae, a abordagem triangular<sup>3</sup>, fundamentada na relevância da apreciação, do fazer e contextualização de obras de arte, visando que o educando tenha uma prática significativa e não simplesmente platônica copista; não era ofertada ao estudante a prioridade em contextualizar ou apreciar na mesma proporção do fazer.

Somente nas aulas de Literatura era possível um aprofundamento mais detalhado sobre os movimentos artísticos – considerando artistas que influenciaram ou foram influenciados pelos diversos movimentos artísticos global, contextualizando o momento social e político de um país ou de um artista determinado, com a leitura de suas obras.

O ensino educacional regular no Brasil sofreu, no decorrer dos anos, influência política e social, internas e externas, alavancando uma reforma intencional, com a criação de propostas educacionais para uma escola mais abrangente, atuante e interativa. Estudos e debates foram instaurados - visando a normatização de um currículo eficaz e continuado, a gestão democrática, a formação

---

<sup>3</sup> Proposta ou abordagem triangular articulada por Ana Mae é a principal referência do ensino da arte no Brasil. Visa interagir os vários pontos de ensino/aprendizagem simultaneamente para a construção de conhecimentos em Arte: contextualização histórica, o fazer e a apreciação artística.

do educador – a LDB/LDBN<sup>4</sup> que define e regulamenta todo o sistema educacional ancorado na Constituição Federal é resultado disto.

Esse direcionamento é importante para que se estabeleça uma relação de respeito à proposta educacional do ensino de Arte, sem que seja tolhido o direito do educando de refletir, criar, julgar, e entender, enfim, sem cercear as possibilidades de fruição de suas competências e habilidades.

## **Problematizando o ensino de Arte**

Durante o período de colonização no Brasil, os Jesuítas europeus que cuidavam da catequese e alfabetização dos nativos, introduziram estes, nos diversos campos da Arte; no Teatro de cunho religioso e na Música, o canto gregoriano, e neste contexto surge o estilo artístico Barroco brasileiro, influenciando fortemente varias vertentes da arte. O ensino de Arte ficava a cargo da Escola Real de Ciência, Artes e ofícios - 1816, orientada pela Missão Francesa<sup>5</sup>, com estudos direcionados aos ofícios artísticos e mecânicos - onde prática e função dependiam de conhecimentos teóricos das Artes, entre outras ciências - prevalecendo o ensino formal, o qual privilegiava a elite, enquanto nas oficinas de artesão aconteciam outros processos educativos (PIMENTEL-2009).

Difundindo novos ideais estéticos e educativos, a instituição recebe o nome de Academia Imperial de Belas Artes, órgão executivo do programa cultural nacionalista, cujo patrono era o imperador Dom Pedro II e impondo uma produção acadêmica e elitista, neoclássica, que distanciou a arte do povo. De 1890-1965, passou a se chamar Escola Nacional de Belas Artes.

Problematizar o ensino da Arte no Brasil é iniciativa que remota ao período colonial; a arte como disciplina escolar consta dos projetos de reforma de Rui Barbosa<sup>6</sup>, em 1882, para o ensino primário e secundário. A partir de 1920, novas

---

<sup>4</sup> A Lei das Diretrizes e Bases da Educação – LDB é uma lei criada desde a década de 1930, reconhecida em 1996 como Lei 9394/96 - Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBN, acrescentando informações e obrigatoriedades importantes para o ensino educacional do Brasil, defendendo a educação como direito de todos e a inclusão da educação infantil em creches e em pré-escolas.

<sup>5</sup> A Missão Artística Francesa foi um grupo de artistas e artífices franceses que vieram para o Brasil no início do século XIX, introduzindo o sistema de ensino superior acadêmico.

<sup>6</sup> Ruy Barbosa de Oliveira foi um jurista, político, diplomata, escritor, filólogo, tradutor e orador brasileiro. Foi um dos organizadores da República, que atuou na defesa do federalismo, do abolicionismo e na promoção dos direitos e garantias individuais.

perspectivas em relação à reorganização do currículo educacional, se elevam através das iniciativas de Anísio Teixeira<sup>7</sup>, propondo a educação escolar como ferramenta de instrução para a cidadania.

A Arte moderna, mais precisamente a semana de Arte Moderna ocorrida em São Paulo em 1922, foi um divisor de águas na história da Arte e do ensino desta no Brasil. Defendia a Arte enquanto meio de cognição, de criação e de apropriação do sujeito, rompendo com o pensamento vigente até então, que desconsiderava a possibilidade de criação, de expressão infantil. As escolas ensinavam o desenho técnico voltado à industrialização, arquitetura, decoração e às crianças era ensinado apenas a cópia, a releitura.

Com o movimento idealizado por Mário de Andrade<sup>8</sup> e Anita Malfatti, os artistas e os arte-educadores tiveram um espaço maior para defender o respeito à Arte, a criação e também a criança, enquanto estudante - muitas obras deste período fazem alusão à forma espontânea de desenhos, por seus traços infantilizados, a exemplo as obras da artista Tarsila do Amaral, conhecidas como ícones do Modernismo brasileiro.

A atuação da educadora Noêmia Varella<sup>9</sup> também foi de grande importância - criação das Escolinhas de Arte - o nome se deu por justamente, esta escola estar destinada aos pequenos artistas de pequena estrutura física, mas de grande capacidade de entendimento e criação de arte: às crianças. Criou a Escolinha de Arte do Recife e se tornou diretora técnica da Escolinha de Arte do Brasil, através de cursos intensivos de Arte Educação, organizados no Rio de Janeiro, foi a grande influenciadora do Ensino da Arte em direção ao desenvolvimento da criatividade, que caracterizou o Modernismo em Arte Educação<sup>10</sup>.

---

<sup>7</sup> Anísio Spínola Teixeira foi um jurista, intelectual, educador e escritor brasileiro. Personagem central na história da educação no Brasil, nas décadas de 1920 e 1930, difundiu os pressupostos do movimento da Escola Nova, que tinha como princípio a ênfase no desenvolvimento do intelecto e na capacidade de julgamento, em preferência à memorização.

<sup>8</sup> Mário de Andrade - Um dos fundadores do modernismo brasileiro foi poeta, romancista, musicólogo, historiador, crítico de arte e fotógrafo brasileiro. Anita Malfatti - Foi uma pintora, desenhista, gravadora e professora brasileira, também articuladora do movimento modernista no Brasil.

<sup>9</sup> Diretora técnica da Escolinha de Arte do Brasil por mais de 20 anos, participou da formação de toda uma geração de arte-educadores no Brasil e muitos na América Latina através dos Cursos Intensivos de Arte Educação da EAB.

<sup>10</sup> <http://www.revista.art.br/site-numero-00/anamae.htm>

## Alguns Fatos

O Ministério da Educação e do Desporto, pela Secretaria de Educação Fundamental, afirma que:

A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico, que caracteriza um modo particular de dar sentido às experiências das pessoas: por meio dele, o aluno amplia a sensibilidade, a percepção, a reflexão e a imaginação. Aprender arte envolve, basicamente, fazer trabalhos artísticos, apreciar e refletir sobre eles. Envolve, também, conhecer, apreciar e refletir sobre as formas da natureza e sobre as produções artísticas individuais e coletivas de distintas culturas e épocas.<sup>11</sup>

Os Parâmetros Curriculares Nacional, de 2000 publicado no portal eletrônico<sup>12</sup> do MEC, dizem que:

Conhecer arte no Ensino Médio significa os alunos apropriarem-se de saberes culturais e estéticos inseridos nas práticas de produções e apreciação artísticas, fundamentais para a formação e o desempenho social do cidadão. Na escola de Ensino Médio, continuar a promover o desenvolvimento cultural e estético dos alunos com qualidade, no âmbito da Educação Básica, pode favorecer-lhes o interesse por novas possibilidades de aprendizado, de ações, de trabalho com arte ao longo da vida.

Apesar dos registros que nos mostram o valor do ensino de Arte enquanto meio para que o aluno explore e construa sua sensibilidade e conhecimento, apreciando, pensando, aprendendo, fazendo e fruindo arte, a grade curricular das escolas públicas estaduais reservam horários para as aulas de ensino de Arte muito inferior às demais disciplinas, além destas terem por apoio o livro didático<sup>13</sup>.

---

<sup>11</sup> Parâmetros curriculares nacionais: arte / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1997.

<sup>12</sup> [http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14\\_24.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf) aceso 21/10/2012

<sup>13</sup> Livro de caráter pedagógico. Iniciativa no âmbito nacional durante o governo de Getúlio Vargas, aprimorado pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), que visa subsidiar o trabalho pedagógico dos professores, através da distribuição do livro. A disciplina de Arte só contará com este apoio a partir de 2015.

## Capítulo II

### Nossa realidade

Ter a autorização para lecionar Arte para o ensino regular aguçou o desejo de conhecer e interagir mais amiúde com o universo das Artes visuais, despertando uma inquietação para conhecer, entender e aprender a ensinar arte; apreender arte como a proposta de trabalho e crescimento pedagógico. O Curso de Especialização em ensino de Artes visuais descortinou um panorama enriquecedor para minha construção pedagógica, a qual, através da observação do trabalho atualmente realizado na EEBV, permitirá a análise da didática aplicada analogicamente à didática apropriada, interagindo o público escolar interno, conhecendo suas realizações e perspectivas em relação ao ensino/aprendizagem de Arte.

A escola campo para este estudo destaca em sua grade, uma aula semanal de Arte, ministrada somente para o 9º ano do ensino fundamental e para o 1º ano do ensino médio, sendo que nesta segunda modalidade de ensino, o mesmo ocorre com as disciplinas de Filosofia e Sociologia - enquanto as demais disciplinas variam entre cinco a duas aulas semanais.

Essa disparidade associada à falta de material didático disponível e de espaço adequado na escola é um fato que se agrava quando, na comunidade circunvizinha à EEBV, o senso comum prolifera o pensamento de que a educação escolar, principalmente a pública, e, por conseguinte, a aula de arte, não é primordial para o alcance do progresso financeiro ou pessoal, não garante excelência na profissão, ou seja, não diferencia os sujeitos em primeira instância; ideia esta, que tende a instaurar questionamentos adversos à filosofia de ensino ou construção equivocada de conceitos, quanto ao ensino/aprendizagem de Artes visuais.

Embora as iniciativas e objetivos já alcançados na esfera educacional, o ensino de Arte na EEBV, é ministrado considerando algumas especificidades, características da educação pública estadual no município de Contagem e do comportamento contemporâneo intrínseco aos professores e arte-educadores da escola, analisados ao longo deste estudo.

A escola conta com um arte-educador, que atende a oito turmas, sendo na modalidade de ensino regular, duas turmas do 9º ano do ensino fundamental e três

turmas do 1º ano do ensino médio regular; e ainda três turmas na modalidade EJA. As demais turmas do ensino fundamental ou médio não recebem aulas de Arte. Nas séries dos anos iniciais, os profissionais que lecionam Arte, possuem formação em Pedagogia ou Normal Superior; e apesar de acreditarem que a formação específica em Arte, ampliaria suas possibilidades de intervenção na relação ensino-aprendizagem, não citaram como intenção ou prioridade, a própria especialização nesta área, relatando que por vezes os cursos de formação continuada, ofertado pelo Estado acabam sendo um inconveniente para uma rotina previamente estabelecida pelos mesmos.

A observação de várias situações rotineiras na escola direcionou os caminhos percorridos nesta pesquisa, através de aproximação maior junto aos professores e acompanhamento de suas aulas, para conhecimento de suas propostas e resultados didático-metodológicos, através de entrevistas por diálogos e questionários (Anexo1). Foram entrevistados na EEBV, um arte-educador e mais seis professoras das séries iniciais que trabalham a disciplina Arte em suas aulas. No primeiro momento, as professoras das séries iniciais mostraram certo desconforto em se posicionarem; ainda acreditam que o pedagogo seja um entrave a mais para a realização do seu trabalho, que explora mais o negativo da ação docente do que pensa alternativas de apoio mútuo. Explicado o motivo da entrevista, de conhecer, acompanhar e dentro do possível intervir agregando valores, concordaram com certa relutância.

A direção pensou ser a intervenção uma prática necessária - já que a dinâmica escolar muitas vezes, obriga os envolvidos a trabalhar de forma automática - e também uma ferramenta a mais para humanizar as relações, sendo que ajudaria a levantar as prioridades, revelar condutas e propor didáticas. Permitiu que fossem estudadas as condições físicas e tecnológicas ofertadas pela escola, visando a possibilidade de aulas interativas e interdisciplinares dialogando com tais condições; verificando a utilização dos recursos disponíveis ou alternativas para se trabalhar com a ausência de material necessário.

A entrevista foi expandida a outros três professores que lecionam Arte em outras escolas da rede estadual circunvizinhas, devido ao pequeno grupo de profissionais atuando com Arte na escola em questão, na intenção de conhecer um pouco do trabalho destes profissionais em ambiente semelhante.

## Entre Dilemas e Conflitos

Muitos foram os empenhos até os dias atuais para garantir e defender a disciplina de Arte na grade curricular. Resultado dos vários debates e da reforma educacional, o CBC, enriquecido pela ideologia modernista, elenca alguns conteúdos obrigatórios que devem ser ensinados em todas as escolas da rede estadual de ensino; não obstante, no cotidiano da EEBV, os profissionais atuantes nas séries iniciais, dizem desconhecer a metodologia proposta no documento, e seguem apenas a proposta do CEALE<sup>14</sup>, sem aprofundamento no campo da Arte. Estes profissionais acreditam que para o trabalho desenvolvido com as séries iniciais, não seja preponderante a especialização para tal, embora a maioria diga que toda oportunidade de qualificação é recebida com entusiasmo, alguns a assinalaram como inconveniente.

Zabalza (2003) argumenta que os dilemas, fazem parte da vida cotidiana nas salas de aula e transformam-se em desafios para a profissão: fazem parte dos problemas dos professores, mas podem constituir espaços de aprendizagem profissional, vistos como instrumento para a análise e a melhoria das salas. Enquanto Especialista em educação, a administração de conflitos é uma constante; e acordar a prática da disciplina de Arte na EEBV e a proposta do CBC, não é diferente. Alguns docentes quando confrontado sua prática e as propostas didáticas do CBC, reagem negativamente, acreditando que a proposta onera seu tempo aumentando o grau de dificuldade de seu trabalho.

O conflito se estabelece; a rotina prossegue sem que eles reconheçam que existem dois modos de administra-lo: construtivo e destrutivo. Em determinados momentos, conforme pontua Nascimento e El Sayed (2006), o conflito se revela como fonte de ideias novas, permitindo a expressão e exploração de diferentes pontos de vista, interesses e valores, evitando também a entrada em um processo de estagnação.

---

<sup>14</sup> Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (Ceale) é um órgão complementar da Faculdade de Educação da UFMG, criado em 1990, com o objetivo de integrar grupos interinstitucionais voltados para a área da alfabetização e do ensino de Português.

Alguns docentes<sup>15</sup> – 30% dos entrevistados – desconhecem ou não conseguem atender às demandas do CBC de Arte no tocante aos eixos relacionados à Dança, Música e Teatro. Apesar de a escola possuir uma quadra esportiva, sala de informática com 20 computadores e uma sala multimídia, o espaço se revela insuficiente para atender a demanda interna. Diante da alegação de indisponibilidade de local apropriado para desenvolver tais atividades, de não envolvimento de alunos com as atividades propostas, (no caso, alunos do ensino médio), percebe-se também o empenho, em apresentar uma proposta diversificada por parte dos professores de Arte, buscando maior participação.

A rasa participação familiar, não foi citada como dificultador; justificou-se pela localização geográfica da escola, que é em região culturalmente carente - perfil que tem mudado lentamente nos últimos cinco anos. O professor de Arte informou que por vezes, utiliza de recursos próprios para concretizar um trabalho, caso a escola não consiga atendê-lo em tempo, contudo acredita fazer parte de uma obrigatoriedade implícita na aceitação do cargo. Foi ainda percebido que no planejamento do conteúdo a lecionar, a aptidão do professor, se sobrepõe à matriz curricular de conteúdos e não há aproveitamento do CBC, enquanto ferramenta de apoio didático.

Assim, a situação atual do ensino de Arte visual, prova que os conflitos não são necessariamente negativos, é a forma de trabalhá-los que poderá gerar reações diversas. “Não existe um só método que tenha dado o mesmo resultado com todos (...)” (MACKEACHIE *apud* FILHO, 1996. pg. 85)

Lessard e Tardif (2005) nos relatam que a escola persegue fins por vezes contraditórios: um corpo docente de executantes que nunca participou da seleção da cultura escolar<sup>16</sup> e da definição de saberes necessários à formação dos alunos, mas tem ampla jurisdição sobre o que se passa dentro da sala e autonomia para realizar o seu trabalho. Sendo assim é pertinente refletir se estas contradições fazem parte

---

<sup>15</sup> Apesar desta pesquisa ter focado prioritariamente a EEBV, foram entrevistados profissionais da área de Arte, atuantes em outras escolas, na intenção de enriquecer este trabalho quanto à diversidade de posturas e opiniões.

<sup>16</sup> Percebemos também na EEBV que o grupo docente, muito se assemelha ao citado por Lessard e Tardif, na maioria não concursados, que chegam a escola quando esta já está em plena atividade no decorrer do ano: regimento escolar finalizado, projeto pedagógico em andamento, matrículas concluídas, livros didáticos escolhidos – e os docentes presentes ainda queixam que nem sempre as editoras enviam o livro conforme o pedido; no entanto, em sala de aula, a decisão é do professor de seguir ou não o livro didático, usar ou não o que a escola dispõe, desde que apresente plano de aula abrangendo os conteúdos elencados no CBC.

dos percalços que se interpõem entre o docente de arte e sua atuação em sala de aula; ou como elas interferem no desempenho do profissional, e ainda, como são percebidas por este e pelos alunos; enfim, qual seu reflexo na relação ensino-aprendizagem.

## Capítulo III

### O outro lado – Ferramentas didático-filosófica

A pesquisa analisou as possíveis dificuldades relatadas pelos professores de arte para educar e ensinar Arte visual em um cenário de incertezas e instabilidade sociais; considerou sua filosofia para se trabalhar ativamente, respeitando os empecilhos que se lançam à sua trajetória profissional - o trato cotidiano da sala de aula, no que tange aos conflitos que permeiam o ensino/aprendizagem de Arte visual, enquanto carregada do reflexo do mundo externo à escola. Procurou conhecer as iniciativas de envolvimento do profissional docente, no auxílio à superação de obstáculos à sua atuação no ambiente escolar, e identificou então, profissionais que visam manter um pensar alternativo, sempre aberto às sugestões do coletivo e atento ao contexto cultural de seus alunos.

Lessard e Tardif (2005) analisam a escola como um lugar socialmente separado dos outros espaços da vida social e cotidiana, onde as salas de aula são espaços fechados, e os professores trabalham isoladamente em condições de trabalho nem sempre interessantes. E, nestas condições, os profissionais pontuam como obstáculo para execução do seu trabalho, de forma contínua e eficiente, o próprio ambiente intrínseco, permeado por interferências externas à sala de aula: rotina social dos alunos; desinteresse da família por assuntos ligados a arte; filosofia contrária à própria instituição ou ao comportamento dos demais profissionais atuantes na escola. Verificou-se um contrassenso na escola: endereçada a coletividade e não equivalente no contexto da comunidade social. Não consegue implicar verdadeiramente os sujeitos envolvidos, devido à valores culturais preconcebidos por ambas as partes.

O arte-educador da EEBV acredita que teoria e prática pertinente, na realidade, não caminham juntas; disse ser importante ao docente além de saber sobre e de desvendar o público que atende, saber manipular diversos instrumentos para realização da obra de arte. Não apenas saber desenhar e propor atividades, mas saber errar e descobrir os acertos junto com os alunos, mostrando sempre interesse na formação crítica e manter uma proximidade com os alunos, no sentido humano, respeitando as limitações individuais. Ainda que com uma proposta para o

coletivo, deixa que flua o talento de cada um. Como? Respeitando a iniciativa individual. Indiferente da atividade sugerida, oferta o material acessível e deixa que cada um crie sua obra, a seu modo, sem determinar início-meio-fim, ou seja, métodos para realização da atividade.

O professor considerou importante no plano de curso anual de Arte, constar elementos formativos da arte, poética artística, história da arte, outras práticas como desenho de observação, arte brasileira - teatro, música, e um pouco de dança - cultura africana na arte plástica, na música entre outras culturas regionais, como do oriente médio. Porém deixa claro que apesar do CBC propor eixos temáticos inerentes ao conhecimento e expressão em Dança, Música e Teatro, não trabalha os dois primeiros por não fazer parte da sua formação; e, considera trabalhar Música o maior desafio.

O educador sente a falta de um equipamento multimídia portátil para usar em sala de aula, já que na escola, a sala destinada a este fim, não possui bancadas ou mesas; tendo apenas cadeiras, o que dificulta qualquer trabalho de produção artística na mesma. Ainda que seja cobrado pelos alunos a trabalhar Grafite e Teatro, vê que recebem suas propostas num revezar de ora interesse e curiosidade, ora passividade e apatia, no entanto sua proposta de Teatro é bastante sutil, visando unicamente interagir os mesmos.

A gestão escolar elogia suas iniciativas e sempre que necessitou teve apoio financeiro para realizar seus projetos externos. O arte-educador sente ainda que necessita muito do apoio psicopedagógico e acredita em possíveis e positivas mudanças no panorama da EEBV, com a gestão atual. Sente que se não alcança os objetivos a que se propõe é apenas pelo desinteresse dos alunos, que condicionam sua produção à avaliação quantitativa, desprezando a qualidade; e ainda não identificou uma ação viável para impactar na quebra deste paradigma.

Quanto a proposta de abordagem triangular, divulgada pela arte-educadora Ana Mae, acredita que seja muito bem pensada para a escola particular. Brinca que no seu trabalho muda a posição do triângulo propositalmente; às vezes, partindo direto para o fazer, depois o entender (fluir), dependendo muito da clientela, dos ânimos, dos interesses. Pensa ser mais importante inicialmente descobrir o lado oculto dos alunos, qual realidade vive, suas limitações e ambições, para assim, definir uma sequência apropriada para suas aulas.

## **Desafios e as perspectivas para o ensino de arte na EEBV**

Percebeu-se por fim que a diversidade de perfis profissionais envolvidos com o ensino de Arte e as diferentes formas de se posicionar diante do mesmo cenário. Alguns profissionais demonstraram claramente falta de interesse - em manter uma atuação mais efetiva dentro da escola, em sala de aula, no posicionamento e busca de novos resultados na inter-relação ensino/aprendizagem. Relataram certo desânimo em defender o ensino de Arte visual na educação escolar pública, sem conscientizar-se que esta postura perpetua paradigmas ultrapassados, onde ler, escrever e contar, ou seja, a Matemática e a Língua Portuguesa são mais importantes na construção do sujeito.

Fica então, a pergunta que não quis se calar: como o professor de arte da EEBV, reagirá diante destes percalços, para obter retorno satisfatório do seu trabalho? Analisar e problematizar comportamentos dos profissionais quanto a sua atuação, seu desempenho e retorno dos alunos envolvidos - pelos fins da educação, no que concerne ao ensino de Artes visuais nesta escola, apesar da autonomia do professor, demonstrou a fragilidade do ensino e a necessidade de uma intervenção. Este é o grande desafio da equipe gestora da escola.

No momento pelo qual o país atravessa, pelo quadro econômico e social - este último cada vez mais caótico nas classes populares, onde atuam grande parte dos educadores da rede pública brasileira - enfim, por todos os sintomas que nossa sociedade apresenta; desolador, conforme Assmann (2004), urge analisar uma nova metodologia, dirigida a escola pública; onde a luta pela revalorização e redignificação salarial e profissional dos docentes adquiriu certa prioridade que muitos nem se lembram de ancorá-la no reencantamento do cerne pedagógico da experiência educacional.

Deixando de ampliar e mesclar suas concepções de sujeito e de sociedade, de trabalhar sua concepção de mundo, muitos profissionais acabam por se colocar à margem, por não desempenhar, em alguns casos, o papel de educador transformador que deveria ser a sua essência. Muitos teóricos responsabilizam a educação pelo índice crescente da violência e marginalização das camadas

populares. Haus (2008)<sup>17</sup> diz que a miséria de nosso país é derivada da profunda desigualdade econômica e social que caracteriza nossa história e que concorremos ao título de país mais desigual e injusto do mundo.

Tal afirmação nos leva a pensar que precisamos, portanto, de profissionais verdadeiramente comprometidos e atualizados; que assumam seu papel em todos os aspectos para assim desmistificar o tabu do impossível e direcionar conscientemente a formação de sujeitos críticos e reflexivos da sua realidade. Sendo o arte-educador, formador de opinião e por sua atuação educativa, de contato direto e por longo período com sujeitos em formação, fica evidenciada a relevância de sua ação para, aliada a outros fatores e à ações governamentais, mudar nosso panorama atual, através da valorização do ensino de Artes visuais nas escolas públicas.

Fica evidenciada igualmente a relevância das práticas docentes serem constantemente saudáveis e construtivas, conquanto, sem o reencantamento do ato educativo de ensinar, inclusive Arte visual, sem se voltar ao homem que somos e ao mundo em que vivemos, em primeira análise, não conseguiremos transformar o ensino de Arte em fator de superação das desigualdades sociais e econômicas. Conforme Lessard e Tardif (2005), “ensinar é atuar ao mesmo tempo com grupos e com indivíduos, é perseguir fins imprecisos e, ao mesmo tempo, educar e instruir.” É exatamente neste cenário que atua o arte-educador da EEBV, perseguindo fins imprecisos, mas, por vezes possíveis.

A importância do ensino da arte na educação está associada à formação da identidade cultural do indivíduo, urge então que educadores e educandos compreendam e qualifiquem a abrangência desta ciência. Vale ressaltar que entre os vários profissionais ligados ao ensino de Artes visuais em escola pública, alguns educadores conseguem trabalhar a Arte visual na educação e os espaços da escola como espaço político, como meio de defesa das camadas sociais, inclusive das populares. Estes Profissionais conduzem seus alunos à descoberta de ideias e valores facilitadores na compreensão e analogia de comportamentos culturais

---

<sup>17</sup> Paulo Haus Martins - Advogado, bacharel em direito pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Pós graduado em Direito Empresarial e Societário pela Universidade Cândido Mendes. Especializado em políticas públicas e projetos sociais.

presentes em diversos segmentos da nossa sociedade; fato observado durante os dois anos trabalhados em outras escolas.

Norteou a conclusão deste trabalho, a filosofia da abordagem triangular da arte, elaborada e difundida por Ana Mae. Tal proposta constitui em apoio ao programa de ensino de Arte, ancorado em três abordagens para construção de conhecimentos em Arte: Contextualização histórica (conhecer a sua contextualização histórica); Fazer artístico (fazer arte); Apreciação artística (saber ler uma obra de arte); a pesquisadora defende que raramente as três dimensões são abordadas juntas.

Ana Mae fala de “reencantamento” na educação, de arte como cognição apoiada em afetos e sentidos, pelo que o ensino da arte nas escolas deve incentivar a criatividade, facilitar o processo de aprendizagem e preparar melhor os alunos para enfrentarem o mundo<sup>18</sup>. Defende que o adolescente precisa da arte para expressar os seus conflitos e se descobrir. “É lendo, é desenhando, é pintando, é fazendo teatro, fazendo música, que ele vai analisando o mundo ao seu redor e se analisando”.

E deste “re-encantamento” fala também o teólogo brasileiro Hugo Assmann<sup>19</sup>, que analisou vários aspectos relacionados à qualidade cognitiva e social da educação. Afirma que processo educacional, melhoria pedagógica e compromisso social devem caminhar juntos; que educar não é apenas ensinar, mas criar situações de aprendizagens, despertando quem aprende através de sua própria experiência de conhecimento.

E pensando nesta condição, na situação de aprendizagem, foi proposto aos alunos de toda a escola, que colaborassem com produções artísticas para exposição em comemoração ao dia da Consciência Negra, trabalhando as várias vertentes da arte: pintura, literatura, música, dança e cinema. Assistiram ao curta “Vista Minha Pele”, ao documentário “Maré Capoeira”, e aos filmes “Amistad” e “Escritores da Liberdade” para contextualizarem questões culturais e embasar debates sobre escravidão, racismo e discriminação social e autoestima, entre outros. Foram sugeridas pesquisas sobre o tema e a criação de máscaras africanas, varal de

---

<sup>18</sup> Em entrevista concedida ao Programa Roda Viva da TV Cultura - disponível em <http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/370/entrevistados/>

<sup>19</sup> Teólogo católico considerado um dos pioneiros da Teologia da Libertação no Brasil.

poesias, com destaque para os símbolos africanos, a produção de um desfile para valorizar a beleza negra e os talentos da escola.

A produção dos alunos resultou numa interessante exposição, deixando aos envolvidos a certeza de que vale a persistência em ensinar o novo e acreditar no potencial criativo individual. Certeza também que otimismo, carisma e confiança, agregam valor fundamental ao estímulo que rege a conduta dos educandos; e que é possível traduzir em momento de aprendizagem a pluralidade cultural existente. Algumas imagens dos trabalhos produzidos constam nos Anexos desta Monografia.

## Conclusão

A pesquisa investigou junto aos educadores da EEBV, o meio pelo qual se projetam para propiciar aos alunos – e a si próprio - a reflexão de si, enquanto sujeito intelectual produto e produtor no ensino/aprendizagem de Arte visual inserida no contexto escolar. Investigou também, como se desenvolve a abordagem didática, construindo uma aula de qualidade e que conquiste a atenção de seus alunos, por vezes, indo na contramão da mídia, que hoje, seduz com facilidade muitos adolescentes e crianças.

Analisada a proposta pedagógica da EEBV para o ensino de Arte, confrontada com o trabalho real desenvolvido na disciplina de Arte - no ensino fundamental e médio - e com a proposta do CBC, percebeu-se uma lacuna nos conteúdos selecionados para o ensino desta disciplina; porém não se revelando impeditivo para inserir os alunos no universo das Artes visuais. A relação do ensino de Arte e seu impacto na visão de educadores e de arte-educadores, atuantes na escola, aliada à sua prática e filosofia - anseios, desafios, suas realizações e perspectivas, a importância que dão à especialização em Arte – possibilitou finalmente identificar propostas viáveis de intervenção didático-metodológica e humana, em respeito a capacidade de fruição artística subjetiva.

Constatou-se que não raro, o docente, o arte-educador, diante das várias situações que a prática o conduz, indaga se é possível convencer aos alunos (e a si próprio, por vezes) da necessidade e eficácia do ensino/aprendizagem de Arte na educação da EEBV; questiona-se a melhor forma de desenvolver um trabalho sem se deixar abater pelos percalços encontrados no decorrer da prática profissional, posto que as condições de trabalho desfavoráveis no âmbito institucional e no pessoal – escassez de material didático, desânimo dos educandos, descaso dos órgãos governamentais com as melhorias e inovações na área educacional pública de ensino, entre outros fatores - sugestionam negativamente uma pequena parte do coletivo de profissionais docentes envolvidos na área das artes desta escola pública.

O arte-educador entende que necessita e consegue trabalhar a flexibilidade do pensar e agir, sem se acomodar em discursos pré-estabelecidos por interesses alheios à construção do saber. Consegue manter um pensar alternativo, sempre aberto e sentir prazer neste ato, influenciando positivamente seus alunos. Entende que a aula de Arte na EEBV precisa ensinar a fazer arte, mas também deve ensinar

a apreciar e a compreender a arte, enquanto propicia aos sujeitos envolvidos a compreensão de si mesmo. Já os profissionais não especializados foram os que se mostraram mais pessimistas quanto a possíveis conquistas e mudanças por parte da instituição, contudo, acreditam no potencial cognitivo e em uma possível contribuição futura dos alunos.

No início desta pesquisa a escola possuía biblioteca, laboratório – com data show - sala de informática, com internet e sala multimídia. Quando finalizada pesquisa a EEBV já contava com um equipamento de multimídia móvel; assim foi sugerido que as aulas de Arte buscassem maior interação com os espaços disponíveis, já que a escola oferece condições reais de interação, de ensino e de aprendizagem em uma linguagem e tecnologia que os estudantes em geral, se interessam.

Embora a legislação aponte propostas ideais para o ensino de Arte, os sujeitos da aprendizagem, imprimem sentido do conteúdo, à medida que se apresentem o mínimo de condições para implementar tais propostas. Contudo, limitar o direito de conhecer e se expressar dos alunos por supor que as condições reais não conduzem ao aprendizado, se revela desnecessário; pois apesar do cenário de limitações ora humanas, ora materiais, o ensino da Arte na EEBV, de forma lenta, porém contínua, estreitando distâncias entre real e ideal, culminou com uma bela produção artística. E fica a certeza de que as condições de ensino são tão importantes quanto as intenções do ensino.

## Referências

ASSMANN, H. *Metáforas novas para reencantar a educação: epistemologia e didática*. Piracicaba: Unimep, 2001. Disponível em [http://educadoresemluta.blogspot.com.br/2009/12/assmann-hugo-metáforas-novas-para\\_14.html](http://educadoresemluta.blogspot.com.br/2009/12/assmann-hugo-metáforas-novas-para_14.html). Acesso em 27 mai.2013

ASSMANN, H. *Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente*. 8ª ed. Petrópolis RJ: Vozes, 2004.

BARBOSA, Ana Mae. *Arte, educação e Cultura*. Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/mre000079.pdf>. Acesso em 15 out.2012

CHARLOT, Bernard. *Relação com o saber, formação dos professores e globalização*. Porto alegre: Ed.Artmed, 2005.

BRASIL. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996 - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em [http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394\\_ldbn2.pdf](http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn2.pdf). Acesso 24 mai.2013

FARIA, Ana Lúcia G. De. *Ideologia no livro didático*. São Paulo: Polêmicas do Nosso Tempo, 1984.

FILHO, J. G. *Citações sobre educação*. Belo Horizonte: UNA Ciências Gerenciais, 1996.

GUERRA, Maria Terezinha T.; Martins, Mírian Celeste; Picosque, Gisa. *Didática do ensino de arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte*. São Paulo: FTD, 1998

HAUS, P. M.. *O país do futuro e o futuro do microcrédito*. Integração – Revista eletrônica do terceiro setor. Disponível em <http://integracao.fgvsp.br/ano5/15/opinioao.htm>. Acesso em 23 mai.2008

LESSARD, C. e TARDIF, M. *O trabalho docente: elementos para uma teoria da docencia como profissao de interações humanas*. Petropolis: Ed.Vozes, 2005

NASCIMENTO, Eunice Maria; EL SAYED , kassem Mohamed. *Administração de Conflitos*. Coleção Gestão Empresarial. Disponível em <http://www.scribd.com/doc/563878/ADMINISTRACAO-DE-CONFLITOS-Eunice-Maria-Nascimento>. Acesso em 15 out.2012

PACHECO, Eliezer. *Por uma Sociedade Educadora*. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2005.

Parâmetros Curriculares Nacionais: arte / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf>. Acesso em 25 Out.2013

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. *Curso de Especialização em Ensino de Artes visuais a distância – Vol. 1*. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

ZABALZA, M. *Os dilemas práticos dos professores*. *Pátio Revista Pedagógica*, Porto Alegre, Ano VII N° 27 ago/out, 2003. pág. 8 à 11.

## **Sites Consultados**

<http://www.cultura.gov.br/site/2010/11/08/sobre-o-ensino-de-artes-no-brasil-notas-para-reflexao>. Acesso em 20 out.2012

[http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema\\_crv/minicursos/arte\\_em/capa\\_razoes.htm](http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema_crv/minicursos/arte_em/capa_razoes.htm). Acesso em: 25 mai.2013

[http://www.escolainterativa.com.br/canais/02\\_arte\\_estudo/paginas/arte-educacao/historico-arte-brasil.asp](http://www.escolainterativa.com.br/canais/02_arte_estudo/paginas/arte-educacao/historico-arte-brasil.asp). Acesso em: 25 mai.2013

[http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia\\_ic/index.cfm?fuseaction=termos\\_texto&cd\\_verbete=74](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=74). Acesso em: 25 mai.2013

<http://mostradearteinsensata.pbh.gov.br/textos.php>

<http://www.pbh.gov.br/smsa/mostradearteinsensata/textos.php> em 20/10/2012

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Wiki>

<http://www2.cultura.gov.br/site/2010/11/08/sobre-o-ensino-de-artes-no-brasil-notas-para-reflexao/>

## **ANEXOS**

## ANEXO A - Questionário



Universidade Federal de Minas Gerais  
Polo UAB de Jaboticatubas  
IV Curso de Especialização no Ensino de Artes Visuais  
Disciplina: Trabalho Final da Especialização  
Orientador: Maurílio Rocha  
Cursista: Sônia Santos

Este questionário objetiva fundamentar um capítulo de um trabalho final de curso, requisitado para obtenção do título de Especialista no Ensino de Artes Visuais pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, intitulado: *O trabalho do arte-educador na Escola Estadual Boa Vista – Desafios e Perspectivas*. Todos os dados apurados serão usados somente para os fins acadêmicos.

### **QUESTIONÁRIO DESTINADO A PROFESSORES QUE LECIONAM A DISCIPLINA DE ARTE NA REDE PÚBLICA DE ENSINO**

<b>Questão 1</b> Nome:	Idade:	Sexo: F ( ) M ( )
Série/ano em que leciona: Tempo de profissão: Formação acadêmica: Disciplina que leciona maior parte do tempo: <b><i>Para todas as questões, escolha somente uma alternativa.</i></b>		
<b>Questão 2</b> - Para o trabalho que realiza, acredita ser necessária a especialização em Arte? <hr/>		
<b>Questão 3</b> _A grade curricular de Arte para o ensino médio e fundamental dispõe de uma aula semanal. Lecionando Arte uma vez por semana, por turma, o que você acha da: Qualidade da explanação das aulas: Qualidade das atividades práticas: Qualidade do aprendizado dos alunos:		
<b>Questão 4</b> _ Você considera suficiente o número de aulas que você leciona por turma?                      SIM ( ) NÃO ( ) <b>Por quê?</b>		
<b>Questão 5</b> _O que o (a) motivou a lecionar Arte? Pode usar o verso da folha se precisar.		

**Questão 6** \_ Quando você cursou o Ensino Fundamental, se lembra de ter tido o Ensino de Artes em algum momento?

SIM (  ) NÃO (  )

**Questão 7** \_ Se respondeu positivamente a pergunta anterior, se lembra de como eram as aulas? SIM (  ) NÃO (  )

Relate a importância que essas aulas tiveram para você, do ponto de vista da criatividade:

**Questão 8** \_ Em sala de aula, você desenvolve atividades em que o (a) aluno (a) possa contextualizar, experienciar e produzir arte? SIM (  ) NÃO (  )

Se sim, de que maneira?

Se não por quê?

**Questão 9** \_ Como é o ambiente disponível em sua escola para as aulas práticas de Artes?

A) (  ) Um espaço próprio, com tudo que é necessário para uma aula de qualidade.

B) (  ) O espaço existe, porém não é bem equipado.

C) (  ) O espaço não existe, sempre recorro a locais improvisados, como a quadra de esportes ou o refeitório, por exemplo.

D) (  ) Outros:

**Questão 10** \_ Se na questão anterior você respondeu B, C ou D como você faz para superar ou contornar as dificuldades?

A) Recorro à Direção da escola, que sempre busca uma solução imediata.

B) Recorro aos alunos, pedindo que tragam materiais ou que façam as atividades em casa e apresentem na próxima aula.

C) Substituo as aulas práticas por teóricas.

D) Outros:

**Questão 11** \_ Você desenvolveu algum material didático próprio para lhe auxiliar durante as aulas? SIM (  ) NÃO (  )

Se respondeu sim, conte um pouco sobre ele:

**Questão 12** \_ Comparando o apoio dado a disciplinas como Português e Matemática ao apoio dado a Artes, o que você destaca?

---

**Questão 13** \_ No plano de curso anual de Arte, para as series que leciona, o que acredita que não pode faltar?

---

**Questão 14** \_ Qual considera ser a característica essencial ao professor de Arte?

---

**Questão 15** \_ Qual o diferencial de suas aulas?

---

**Questão 16** \_ Como suas propostas são recebidas pelos alunos?  
Acredita que mais se destaca a curiosidade, o interesse ou passividade?

---

**Questão 17** \_ Em algum momento, você já foi cobrado pelos alunos a trabalhar algum tema específico? Se sim qual?

---

**Questão 18** \_Alguma vez você pediu ajuda à equipe pedagógica para planejar um trabalho? Se sim, como foi atendido? Se não, porque nunca buscou este apoio?

---

**Questão 19** \_Qual o maior desafio para cumprir o programa de Arte conforme o CBC?

---

**Questão 20** \_Alcança os objetivos a que se propõe? Caso ainda não os tenha alcançado, considera alguma ação viável para pra tal? Deixe sugestões, caso queira.

---

**Agradeço a colaboração.**

**Sônia**

## ANEXO B – Plano Anual

Escola Estadual de Ensino Médio  
– Contagem/MG

PLANEJAMENTO ANUAL – 2012			
Disciplina: ARTES			
Educador : Especialista			
Ano: 2012	1º ( x )	2º ( )	3º ( )
<ul style="list-style-type: none"><li>• <b>Competências:</b> Seguindo os critérios do currículo da Secretaria do Estado de Educação de Minas Gerais, página 48 da cartilha, "CONSTRUIR, EXPRESSAR E COMUNICAR-SE EM ARTES VISUAIS, ARTICULANDO A PERCEPÇÃO, A IMAGINAÇÃO, A MEMÓRIA, A SENSIBILIDADE E A REFLEXÃO, OBSERVANDO O PRÓPRIO PERCURSO DE CRIANÇA E SUAS CONEXÕES COM O OUTRO."</li></ul>			
<ul style="list-style-type: none"><li>• <b>Habilidades:</b><ul style="list-style-type: none"><li>- Conhecer, relacionar, apreciar objetos e imagens artísticas;</li><li>- Produzir e interagir artisticamente, desenvolvendo autocrítica de si e do outro;</li><li>- Trabalhar com a expressão bidimensional e tridimensional desenvolvendo uma relação de autoconfiança com a produção artística pessoal, relacionando a própria produção com a dos outros, valorizando e respeitando a diversidade estética, artística e de gênero;</li><li>- Valorizar a música em si mesma dentro das propostas culturais no seu tempo e época, proporcionando uma audição diferenciada e inclusiva sobre toda expressão musical e relacionando com a dança.</li><li>- Trazer ao conhecimento dos alunos um estudo sobre as artes cênicas, tradicionais e contemporânea do Brasil e do mundo, junto com sua prática.</li></ul></li></ul>			
<ul style="list-style-type: none"><li>• <b>Conteúdo – 1º Bimestre:</b><ul style="list-style-type: none"><li>- Conceitos gerais de Artes, criatividade e belo. / - Teoria da cor.</li><li>- História da arte na pré-história e no Egito (Linha do tempo).</li></ul></li></ul>			
<ul style="list-style-type: none"><li>• <b>Procedimento de Ensino:</b><ul style="list-style-type: none"><li>- Construção da teoria do que é arte, criatividade e belo e suas relações;</li><li>- Dinâmica dos diferentes olhares;</li><li>- Aula prática: diversidade de olhares através do nome; - Pirâmide</li><li>- Aula teórica: Pré- histórico; Egito - áudio visual;</li><li>- Estudo Dirigido; / - Simulado</li></ul></li></ul>			
<ul style="list-style-type: none"><li>• <b>Recurso Didático:</b><ul style="list-style-type: none"><li>- Papel, cartolina, papéis coloridos, revistas, papel celofane, tinta preta, fita adesiva colorida, imagens, apresentação em multimídia (computador).</li></ul></li></ul>			
<ul style="list-style-type: none"><li>• <b>Formas de Avaliação:</b><ul style="list-style-type: none"><li>- Observação no processo construtivo e criativo de cada aluno;</li><li>- Assiduidade e participação em sala de aula; Simulado;</li></ul></li></ul>			
<ul style="list-style-type: none"><li>• <b>Conteúdo – 2º Bimestre:</b><ul style="list-style-type: none"><li>- Linha do tempo: Grécia, Roma, Arte Bizantina e Arte Gótica.</li></ul></li></ul>			
<ul style="list-style-type: none"><li>• <b>Procedimento de Ensino:</b><ul style="list-style-type: none"><li>- Aula teórica - Grécia; Arte bizantina; Arte Gótica; (uso do áudio visual)</li><li>- Aula Prática - Construção de um pequeno mosaico; Vitral;</li><li>- Estudo Dirigido;</li></ul></li></ul>			

<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Recurso Didático:</b></li> </ul> <p>- Os mesmos citados no 1º bimestre.</p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Formas de Avaliação:</b></li> </ul> <p>- Observação no processo construtivo e criativo de cada aluno; - Assiduidade e participação em sala de aula; Simulado.</p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Conteúdo – 3º Bimestre:</b></li> </ul> <p>- Linha do tempo: Renascimento; Arte Barroca; - Teoria do Teatro: formas de teatro; elementos da apresentação teatral.</p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Procedimento de Ensino:</b></li> </ul> <p>- Aula teórica – Renascimento, fazendo um paralelo com a idade média / Barroco / Teatro - Aula prática – Releitura da obra “Monalisa” de Leonardo Da Vinci / – Teatro de mímica em sala</p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Recurso Didático:</b></li> </ul> <p>- Os mesmos citados no 1º bimestre.</p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Formas de Avaliação:</b></li> </ul> <p>- Observação do processo construtivo e criativo individual; - Assiduidade e participação em sala de aula; Simulado.</p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Conteúdo – 4º Bimestre:</b></li> </ul> <p>- Linha do tempo: Arte Moderna e Contemporânea; - Teoria Musical e seus estilos; - Dança – O corpo fala.</p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Procedimento de Ensino:</b></li> </ul> <p>- Aula teórica sobre Arte moderna e contemporânea / Teoria da música / Dança - Trabalho prático individual sobre Arte moderna e contemporânea e em grupo sobre estilos musicais; - Apresentação dos trabalhos</p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Recurso Didático:</b></li> </ul> <p>- Os mesmos citados no 1º bimestre e gêneros musicais</p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Formas de Avaliação:</b></li> </ul> <p>- Observação no processo construtivo e criativo de cada aluno; - Assiduidade e participação em sala de aula; Simulado.</p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Bibliografia sugerida:</b></li> </ul> <p>- Universos da Arte - Fayga Ostrower - 2ª Edição - Renascimento - Coleção Quero Saber - Editora Escala - O caminho do Teatro na escola - Olga Reverbel - Editora Scipione (Pensamento e Ação no Magisterio); - Jogos teatrais na escola - Olga Reverbel - Editora Scipione (Pensamento e Ação no Magistério); - Proposta Curricular Nacional do Ensino Fundamental e Médio de ARTE</p>

## ANEXO B.1



<b>PLANEJAMENTO ANUAL – 2013</b>				
<b>Disciplina: Arte</b>				
<b>Educador: Especialista</b>				
<b>Ensino fundamental:</b>	<b>6º ( )</b>	<b>7º ( )</b>	<b>8º ( )</b>	<b>9º (x)</b>
<b>Ensino médio:</b>	<b>1º (x)</b>	<b>2º ( )</b>	<b>3º ( )</b>	<b>Eja (x)</b>

**1. Objetivos Gerais da Disciplina:**

- Levar o aluno a perceber o mundo sensível e estético expresso por materiais diversos dentro de linguagens definidas por homens chamados "Artistas"- suas historias e a cultura dos povos.

**2. Objetivos Específicos da Disciplina:**

- Propiciar ao aluno experiências e a construção do conhecimento sobre as diversas manifestações do mundo artístico; que compreenda e desenvolva suas habilidades de fazer artístico e testá-las, para que possa identificar, construir e ler obras, assim como ter e usar vocabulário específico sobre arte.

**3. Conteúdo – 1º Bimestre:**

Historia da arte e Arte da pré-historia / Historia do desenho / Cinco / Sentidos/ Desenho de observação de objetos e paisagem.

**4. Procedimento de Ensino:**

Aulas Expositivas com exemplos visuais / Trabalhos em grupo / Pesquisas Orientadas  
Exibição e Análise de Filmes Relacionados ao Conteúdo estudado

**5. Recurso Didático:**

Material Xerografado / Aparelho de Data Show / Laboratório de Informática.

**6. Formas de Avaliação:**

Análise do portfólio, avaliações de atividades em salas e em casa / Seminários / Relatórios.

**7. Conteúdo – 2º Bimestre:**

Historia da arte desde o barroco até o impressionismo / Construção de figuras tridimensionais / Desenhos diversos de Quadrinhos e Gravuras / Releitura de Obras / Pesquisa sobre a biografia dos artistas brasileiros Tarsila, Portinari, Guignard, Amilcar.

**8. Recurso Didático:**

Pesquisas Orientadas / Aulas Expositivas / Análise da imagem por multimídia

**9. Formas de Avaliação:**

As mesmas citadas no 1º bimestre.

**10. Conteúdo – 3º Bimestre:**

O que é patrimônio histórico e os tipos existentes / Historia da arte no Brasil e em Minas Gerais / Arte abstrata / Pintura em tela e fotografia.

**11. Procedimento de Ensino:**

Os mesmos do 1º bimestre.

**12. Recurso Didático:**

Os mesmos já citados.

<p><b>13. Formas de Avaliação:</b> As mesmas já citadas</p>
<p><b>14. Conteúdo – 4º Bimestre:</b> Art Pop / Op art / Vik Muniz / Historia do Cinema / Historia da Música, Dança e Teatro / África e sua arte.</p>
<p><b>15. Procedimento de Ensino:</b> Os mesmos já citados.</p>
<p><b>16. Recurso Didático:</b> Os mesmos já citados.</p>
<p><b>17. Formas de Avaliação:</b> As mesmas já citadas</p>
<p><b>18. Bibliografia sugerida:</b> Ministério da Educação e Cultura : Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte, 2008 Secretária de Estado de Educação de Minas Gerais: Proposta Curricular (CBC, 2003), Enciclopédia da Historia da arte Sites como Itaú Cultural, Graça Proença</p>

Assinatura do Professor/a:

---

Assinatura da Pedagoga:

---

Data de entrega: \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/2013.

ANEXO C – Modelo de Ficha Técnica para os filmes trabalhados no Projeto de Consciência Negra.



Escola Estadual Boa Vista

FICHA TECNICA DO FILME

Docente:	Sônia Santos	Disciplina: Sociologia/Filosofia/Historia
----------	--------------	---

Data: ____/____/____	Turma: 7ºs, 8ºs e 9ºs
----------------------	-----------------------

Nome do filme:	VISTA MINHA PELE Idealização: Centro de Estudo das Relações de Trabalhos e Desigualdades (Ceert)
Resumo:	Trata-se de uma paródia da realidade brasileira, para servir de material básico para discussão sobre racismo e preconceito em sala de aula. Nessa história invertida, onde os negros são a classe dominante e os brancos foram escravizados. Os países pobres são, por exemplo, Alemanha e Inglaterra, e os países ricos são, por exemplo, África do Sul e Moçambique.
Tema:	Discriminação racial no Brasil.
Objetivo da exposição:	Propiciar momentos de reflexão sobre o tema e valor da autoestima, estimular a iniciativa.
Atividades relacionadas:	Debate
Caso necessário, anexe as atividades.	

\_\_\_\_\_  
Docente

\_\_\_\_\_  
Pedagoga

## ANEXO D - PROJETO: Máscaras Africanas – Elaborado pelo Arte-educador da EEBV:

Confecção de máscaras africanas com diferentes materiais e técnicas.

Objetivos: Conhecer a história das máscaras ao longo dos séculos e expressar-se criando máscaras inspiradas nas máscaras africanas. Valorizar a produção individual. Comemorar o dia da Consciência Negra.

### Atividades 1 - Mascara de Papelão

#### Material

Pedaço de papelão grande / Jornal / Cola branca / Lápis / Tintas para pintura / penas, sisal ou ráfia / Pincéis.

#### Produzindo a máscara

- 1 - Riscar os contornos do rosto da máscara, com um lápis no papelão – em formato oval, formato de pêra ou elipse. Os detalhes do rosto podem ser copiados de outra máscara ou pensados pelo próprio aluno – desde que tenha traços simétricos.
- 2 - Faça saliências laterais representando as orelhas e cole por trás da parte principal. Faça apenas dois semicírculos. Com jornal faça um rolo, terminando de forma maior e arredondada, sendo de recortes bem grande ( que serão o nariz, olhos, boca e sobancelhas
- 3 - Cole o nariz no lugar, e junte com olhos e as sobancelhas. Cole os lábios formando uma curva virada para baixo e outra virada para cima – para representar uma boca aberta de lábios grossos.
- 4 - Depois de tudo colado no papelão, com um pincel, passe em toda a máscara de três a cinco camadas de cola branca, sempre esperando uma secar para aplicar a outra.
- 5 - Depois de seco e plastificado pela cola, é só pintar de cores vibrantes.
- 6 - Dê destaque para os lábios e faça pinturas tribais nas laterais do rosto e na testa; como de guerreiros nativos. Cole cabelos no alto da cabeça (pode usar penas, sisal ou ráfia), e coloque argolas nas orelhas, simbolizando os brincos.

## ANEXO D.1

### Atividades 2 - Máscara de materiais alternativos

Esta máscara pode ser confeccionada com diferentes técnicas: papel machê, com areia, cola e guache sobre o papelão, ou em embalagens de xampu ovais, argila, etc.. O importante é que sejam coloridas e com traços fortes e marcantes.

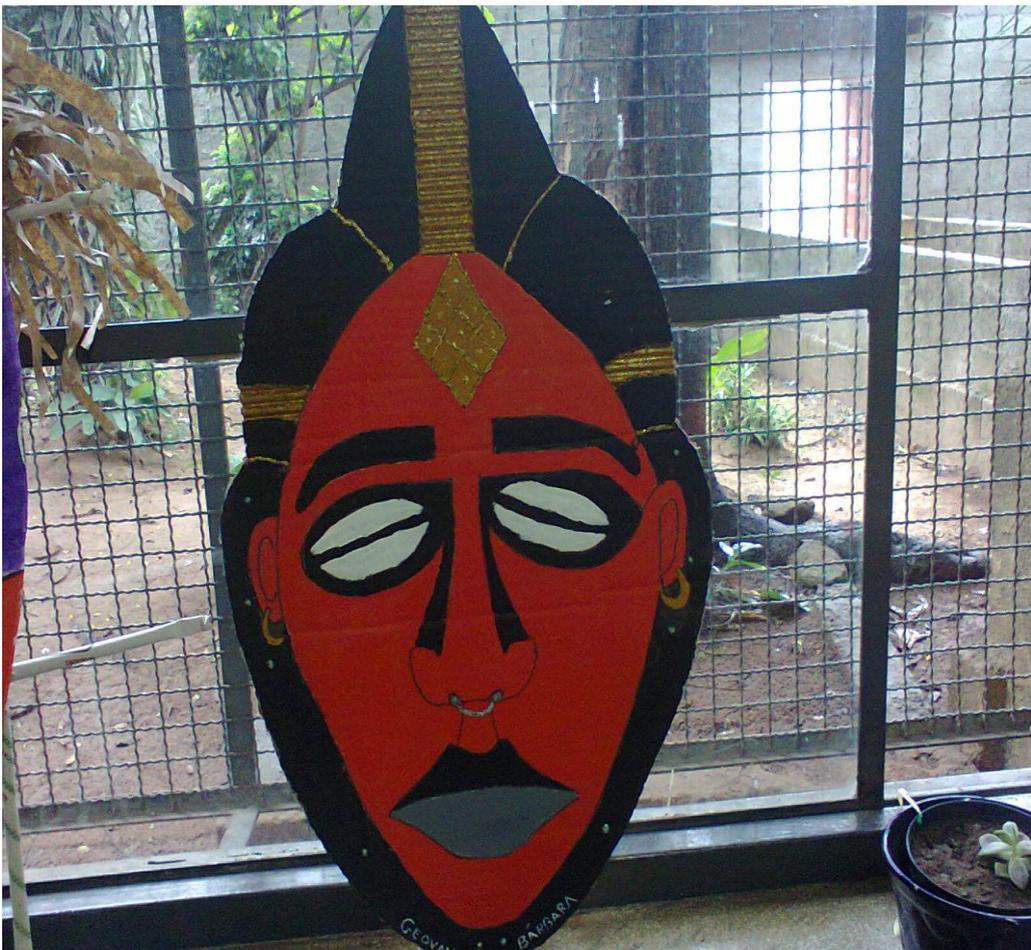
#### Material

Areia fina, guache, cola branca, papelão e materiais alternativos (fios, palha, barbantes, palitos, etc).

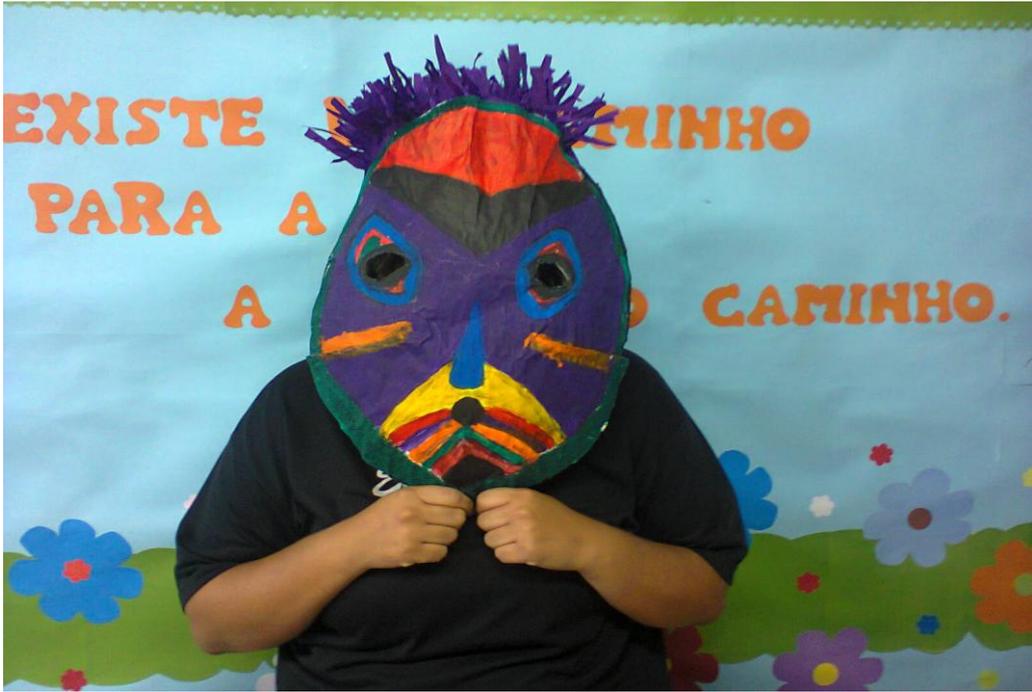
#### Produzindo a máscara

Faça uma mistura bem grossa de areia fina, guache e cola. Desenhe uma máscara sobre o papelão e coloque a mistura sobre o desenho, deixando secar levemente. Acrescente mais mistura para formar a boca, olhos e nariz, usando a cor desejada em cada parte. Cole fios, palha e/ou barbantes, no alto e nas laterais.









ANEXO - E

PROJETO: Mãos talentosas – Desenhos e Colagem feita pelos alunos do ensino fundamental







